

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CURSO DE LETRAS

THAÍS BASTOS ABRAÃO

**PESO DO RACISMO NA LINGUAGEM NO BRASIL: DA
COLONIZAÇÃO A QUE GERAÇÃO?**

RIO DE JANEIRO

2020

THAÍS BASTOS ABRAÃO

**PESO DO RACISMO NA LINGUAGEM: DESDE A COLONIZAÇÃO ATÉ QUE
GERAÇÃO?**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO como
requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharel em Letras.

Orientadora: Profa. Dra Luciana Vilhena

RIO DE JANEIRO

2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus que me fortaleceu e me guiou, permitindo-me percorrer o caminho desse curso, independente de todos os obstáculos, alcançando meu objetivo;

À minha família por todo o apoio, amor, paciência e base para chegar até aqui;

À minha noiva que sempre esteve ao meu lado, e com amor e companheirismo me fez acreditar na minha própria capacidade, me incentivando a continuar meus sonhos;

À minha professora orientadora Luciana Vilhena por aceitar estar comigo nesse Trabalho de Conclusão de Curso, auxiliando em meu trajeto, me passando tranquilidade, confiança e prontidão em me ajudar, tornando o percurso mais calmo;

E a todos os meus amigos e professores que me acompanharam ao longo do curso, vivenciando e incentivando meu sonho com suporte e carinho.

RESUMO

O presente trabalho visa abordar o racismo linguístico com os negros, no Brasil, enfocando temáticas que perpassam “racismo e linguagem como dominação e poder, opressão ao negro, branqueamento, negligência, identidade e voz”, contribuindo, inicialmente, para a análise de suas origens, ocorrências e consequências. A partir daí, a pesquisa foca-se no campo linguístico¹, onde são criados códigos, nomes e as conexões de convivência social, cujo objetivo é tratar de uma nova perspectiva para a linguagem a partir do desvelamento do racismo nela presente. Assim, a investigação visa a identificar a necessidade de rompimento com conceitos, expressões e palavras que geram tormento e dor, herdadas de uma sociedade escravocrata que se dão através da linguagem, em um campo tão vasto e mutável. A pesquisa pretende, ainda, analisar e compreender os usos racistas nas redes sociais, lugar de ampla abrangência, para melhor entender suas consequências na rotina e saúde mental da população negra.

Palavras-chave: Racismo linguístico; Linguagem; Opressão ao negro; educação linguística

¹ Nessa pesquisa trabalhamos com a linguagem como meio de comunicação, expressão e porta voz. O foco da análise do racismo está no campo linguístico e seus usos.

ABSTRACT

The present work aims to address linguistic racism with blacks in Brazil, focusing on themes that pervade “racism and language as domination and power, oppression of black people, whitening, neglect, identity and voice”, initially contributing to the analysis of their origins, occurrences and consequences. From there, the research focuses on the linguistic area, where codes, names and connections of social coexistence are created, whose objective is to deal with a new perspective for language from the unveiling of racism present in it. Thus, the investigation aims to identify the need to break with concepts, expressions and words that generate torment and pain, inherited from a slave society that occurs through language, in such a vast and changing field. The research also intends to examine and understand the racist uses on social networks, place of wide scope, in order to understand better its consequences on black people’s routine and mental health.

Keywords: Linguistic Racism; Language; Oppression to black; Identity and voice; language education

SUMÁRIO

Introdução	8
2. Pressupostos teóricos	9
2.1 Racismo estrutural e democracia racial	9
2.2 Racismo no Brasil – origens até os dias de hoje	13
2.3 A linguagem como identidade e ferramenta de poder e dominação	17
2.4 Racismo linguístico	19
3. Metodologia	23
4. Análise de dados	24
4.1 Análise dos formulários	24
4.2 Análise das redes sociais	27
5. Considerações finais	32
6. Referências bibliográficas	34

1. INTRODUÇÃO

A partir do contexto histórico de colonialismo e escravidão, que atravessam as práticas de dominação no período que compreende os séculos XVI ao XIX, nota-se que a sociedade brasileira se estruturou em um pilar de opressão e superioridade dos brancos com relação aos negros, formando relações de extrema desigualdade. Desde a colonização, foi estabelecido um padrão de segregação social entre brancos e negros, ocasionando, desde o início da chegada dos portugueses, um modelo de desigualdade fundado pelo aspecto da “raça”.

No campo da linguagem o racismo está presente em todas as áreas, como literatura, arte, música, redes sociais, educação, etc., pois se expandiu de forma rápida e massiva. Devido a isso, milhares de pessoas convivem com o julgamento dos outros todos os dias, com o peso do preconceito de toda uma ancestralidade histórica, que se perpetua até os dias de hoje. Com base nesse contexto, são observados, no cotidiano, diversos casos de violência física e verbal, e simbólica que atravessam e estruturam a sociedade brasileira.

A linguagem pode ser considerada a maior forma de relação de poder na sociedade. É através da linguagem que se dão as trocas sociais entre sujeitos que ocupam diversas hierarquias, que, por sua vez, são construídas historicamente. Nesse sentido, em uma sociedade de quase 3 séculos de escravidão, a herança que carregamos é a do racismo, que, nesta investigação, assume caráter de ‘estrutural’, conforme Almeida (2019).

Dentro desse universo racista nos usos da linguagem, podem-se observar mecanismos de construção discursiva que denunciam preconceito e inferiorização do outro, devido à cor da pele e/ou à origem social. Além disso, observa-se certa reprodução das condições de racismo também no ambiente escolar e, muitas vezes, ainda no tratamento do material didático adotado.

A partir disso, podemos observar a necessidade de uma revisão dos conceitos sociais e históricos, de linguagem e de educação, proporcionando uma melhor compreensão entre origem e consequência do peso do racismo na linguagem, tendo, com isso, a finalidade de melhorar essa relação, como será proposto e apresentado nesta pesquisa.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 RACISMO ESTRUTURAL E DEMOCRACIA RACIAL

De acordo com Maria Teresa Ferreira Jurado, do Movimento de Mulheres Negras - o Momunes -, o racismo estrutural pode ser visto como:

A naturalização de ações, hábitos, situações, falas e pensamentos que já fazem parte da vida cotidiana do povo brasileiro, e que promovem, direta ou indiretamente, a segregação ou o preconceito racial. Um processo que atinge tão duramente — e diariamente — a população negra. É estrutural porque estrutura todas as instituições. Seu processo histórico é fundamental para entender o porquê dizer “racismo estrutural.”²

Nesse sentido, é necessário olhar para o colonialismo e a escravidão, que deixaram grandes marcas de desigualdade racial em todas as estruturas de poder do Brasil - sejam econômicas, políticas ou jurídicas – para que possamos compreender a natureza do racismo existente na sociedade brasileira.

Dentro desse contexto de herança racista da sociedade, podemos observar que as instituições fazem imposições de padrões e regras racistas que são, de alguma maneira, vinculadas à ordem social, com todos os conflitos carregados com ela. A partir do momento em que as instituições insistem em atuar com regras que dão privilégio para determinados grupos raciais, o racismo é parte da ordem social, ou seja, não é criado pela instituição, mas sim reproduzida por ela.

As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista. (ALMEIDA, 2019, p. 31).

Nessa situação há também a possibilidade de que as instituições rompam com esse padrão e estrutura racista, se fosse o caso de implementarem práticas antirracistas efetivas,

²https://www.brasildedireitos.org.br/noticias/488-o-que-racismo-estrutural?utm_source=google&utm_medium=ads&utm_campaign=search&gclid=CjwKCAjw47eFBhA9EiwAy8kzNND77NqihdFw1PZ8GDTVSLcaNu5Ss_qT449jIoi0P1yuYXnNy8kNZBoCnJUQAvD_BwE. Acesso em 26 de maio de 2021

algumas delas mostradas por Silvio Almeida em *Racismo Estrutural*, a saber: “a) Promover a igualdade e diversidade em suas relações internas e com o público externo – por exemplo, na publicidade; b) remover obstáculos para ascensão de minorias em posições de direção e de prestígio na instituição; c) manter espaços permanentes para debates e eventual revisão de práticas institucionais; d) promover o acolhimento e possível composição de conflitos raciais e de gênero”. No entanto, geralmente o racismo não é tratado de forma combativa ou como um problema nas empresas, nas escolas, ou sequer no/pelo governo, não havendo a implementação de medidas de combate a ele, contribuindo, em alguma medida, para que haja a reprodução de práticas racistas já normalizadas na sociedade.

É nesse sentido que o racismo é bastante frequente na sociedade, sendo extremamente enraizado e naturalizado na visão de grande parte da população, já que, no Brasil, não há uma segregação “clara”, como ocorreu historicamente nos Estados Unidos. Assim, muitas atitudes individuais e atividades institucionais não atendem às questões raciais, ferindo o negro no dia a dia. Sendo assim, o maior campo que permeia a questão racial é o estrutural, pois o racismo é parte de um processo social, ligado diretamente à formação da estrutura da sociedade, de onde percebemos que quando falamos de raça, falamos de uma questão social.

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até mesmo familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. (ALMEIDA, 2019, p. 33).

Pontuar que o racismo é estrutural não tira, no entanto, a responsabilidade individual por cada prática racista e nem se torna uma desculpa para os preconceituosos; pelo contrário, entender o racismo fora de cada ato isolado e sim dentro da estrutura da sociedade, que é bem maior, nos coloca com ainda mais responsabilidade quando se trata de combate ao racismo, pois fica compreendido sua maior origem. Através disso, podemos observar os diferentes direcionamentos do racismo que estão atrelados um ao outro, como o individual e o coletivo, os quais são igualmente previstos na lei, mas com suas divergências jurídicas. Quando o

racismo é direcionado a um indivíduo específico, é caracterizado como injúria racial, previsto pelo Decreto-Lei nº 2.848:³

Art. 140 - Injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou o decoro:

Pena - detenção, de um a seis meses, ou multa.

§ 1º - O juiz pode deixar de aplicar a pena:

I - Quando o ofendido, de forma reprovável, provocou diretamente a injúria;

II - No caso de retorsão imediata, que consista em outra injúria.

§ 2º - Se a injúria consiste em violência ou vias de fato, que, por sua natureza ou pelo meio empregado, se considerem aviltantes:

Pena - detenção, de três meses a um ano, e multa, além da pena correspondente à violência.

§ 3º Se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência: (Redação dada pela Lei nº 10.741, de 2003)

Pena - reclusão de um a três anos e multa.

Quando as ofensas praticadas pelo autor do racismo atingem toda uma coletividade é caracterizado como crime racial, previsto pela Lei nº 7.716:⁴

Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. (Redação dada pela Lei nº 9.459, de 15/05/97)

Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. (Redação dada pela Lei nº 9.459, de 15/05/97)

Pena: reclusão de um a três anos e multa. (Redação dada pela Lei nº 9.459, de 15/05/97)

No entanto, mesmo com a lei, não é o suficiente para que possa ser realizada a ruptura com a discriminação racial e com a desigualdade alicerçada em tantos anos de opressão e repressão. Para que haja de fato mudança social, é necessário que se faça além das denúncias, visibilizando as leis para que todos possam ter conhecimento real sobre elas e trazendo, para a

³ <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/injuria-racial>. Acesso em 26 de maio de 2021

⁴ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm. Acesso em 26 de maio de 2021

realidade da sociedade, políticas e medidas antirracistas nas instituições, nas escolas, no governo e em todas as áreas possíveis.

Tratando-se de governo e questão política, é defendido por diversas pessoas que o Brasil é uma democracia racial e que por esse motivo não existe, de fato, racismo no país. Essa ideia baseia-se na percepção levantada por Gilberto Freyre na obra *Casa Grande e Senzala*, em que a escravidão seria interpretada para fora da simples ótica da dominação. Assim, Freyre (2005) afirma que havia certas formas de privilégio entre os chamados “escravos de dentro” e “escravo de fora” e que a ‘democracia racial’ seria o estado de plena igualdade entre os indivíduos, não tendo importância a raça, cor ou etnia, afirmando, inclusive, que alguns escravos gozavam de certos privilégios por conviverem com senhores e senhoras brancos, sendo tratados, então, como “sendo quase da família”.

É importante pontuar, entretanto, que, para que exista a democracia racial, é necessário que haja não só participação política, mas também igualdade de direitos, igualdade social, igualdade de raça e liberdade assegurada para todas as pessoas. Para tal, a ONU estabeleceu, em 1948, a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, colocando a igualdade para todos os indivíduos, independente de cor, raça, etnia, gênero, religião ou nacionalidade. Além disso, tais direitos foram ainda enfatizados na Constituição da República Federativa Brasileira de 1988, colocando que: “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” - art. 5^o.

No entanto, o estabelecimento desses direitos não é verdadeiramente aplicado dentro da sociedade, uma vez que não há igualdade entre os grupos da população. Quanto à questão racial, os brancos possuem diversos privilégios, que são deles por natureza por possuírem pele de cor clara, enquanto os negros não possuem os mesmos direitos, tendo que lutar por eles dia após dia. Em todas as áreas da sociedade podemos observar a discriminação racial, seja em empresas com cargos maiores destinados aos brancos, seja em escolas com maior acesso para os brancos, seja na própria política, que é porta para todas as instituições e para todos os campos de atuação da sociedade, o que entrega os privilégios e direitos aos brancos, negando-os aos negros.

⁵ <http://siga.arquivonacional.gov.br/>. Acesso em 24 maio 2021

O racismo é processo político. Político porque, como processo sistêmico de discriminação que influencia a organização da sociedade, depende de poder político; caso contrário seria inviável a discriminação sistemática de grupos sociais inteiros. (ALMEIDA, 2019, p. 35).

Todos os dias os negros enfrentam o racismo no Brasil nas mais diversas formas, seja em locais públicos, onde são tratados de maneira diferenciada, em estabelecimentos, que recolhem olhares negativos, em lojas, que são tratados como marginais e, em diversos momentos. Além do reflexo social e comportamental citado, há, na linguagem, ataques de tida natureza, a partir de construções, do uso de palavras e de expressões que oscilam entre o xingamento ‘escancarado’ e o tratamento pejorativo escamoteado. Assim, percebemos que, muitas vezes, a sociedade brasileira, que é racista, mas interpreta que não é, exercendo um racismo velado e mascarado. É dessa maneira que o conceito de Democracia Racial é utilizado de maneira ilusória, com o intuito de esconder a existência do racismo no Brasil

2.2 RACISMO NO BRASIL – ORIGENS ATÉ OS DIAS DE HOJE

Desde a colonização no Brasil, a sociedade vem sendo tratada de forma segregada em que a população é separada por questões como cultura, dinheiro e cor, entre outras questões, criando os pilares sociais da desigualdade que são propagados até hoje. É a partir daí que os pilares das questões raciais aparecem mais estruturalmente, ainda que nem sempre de maneira tão declarada.

A herança da sociedade escravocrata, vinda da colonização e das décadas posteriores à abolição, baseada na inferioridade daqueles considerados “de cor”, perdura na contemporaneidade e se atualiza quando percebemos a desigualdade imensa que assola a sociedade brasileira: uma desigualdade que se revela na diferença de oportunidades de acesso à saúde, à educação, à moradia - só para citar alguns direitos negligenciados pelos governos a essas parcelas da população.

Com isso, os negros foram silenciados por anos ao longo da história, tendo seus direitos humanos tirados e também suas vozes, já que não podiam se manifestar e nem conquistar seu espaço. Esse silenciamento, inclusive, foi estruturado não só por ordens e estabelecimento de poder, mas também por uma máscara real, de metal, impedindo que eles pudessem dizer uma palavra sequer, atendendo os desejos e ordens dos brancos, a qual foi

usada pela escrava Anastácia, em 1740, num navio negreiro vindo da África e em sua vida no Rio de Janeiro, como mostra a autora Grada Kilomba (2010) em seu livro *Plantation Memories*, no capítulo “A Máscara”, em que ela faz um deslocamento do ponto de vista colonial.

[...] a racialização do corpo negro cria o que Achille Mbembe chama de “a manifestação da questão da raça”, em que o negro é racializado para ser dominado e virar signo-objeto que figura enquanto mercadoria. Portanto, entendo que dessa racialização se criam duas figuras, uma para quem é submetido às condições de raça e a outra que dela se desresponsabiliza (NASCIMENTO, 2019, p. 45).

Depois do fim da escravatura, decretado, em 1888, pela Lei Áurea, continuou sendo estabelecida uma grande segregação entre negros e brancos, gerando o abandono dos negros, em que o branco é considerado como raça humana e o negro como “resto”, conforme mostra também a Grada Kilomba (*op. cit.*), estabelecendo o conceito de “self” e “d(o) outro”. Isso porque os brancos tinham direito a uma identidade propriamente deles, enquanto os negros eram tudo aquilo de negativo que os brancos não eram. Assim sendo, tudo se estabeleceu separadamente na sociedade, e não só na teoria ou nos ideais de preconceito, mas também no próprio espaço geográfico, em que havia lugares especificados só para brancos e outros só para negros, como ônibus, por exemplo: a intenção era não haver mistura de cores, embora, no Brasil, houvesse, no fundo, o desejo de uma miscigenação com a finalidade do “branqueamento da população⁶”.

No entanto, a imposição dos brancos sobre os negros se estabelece apoiando-se em uma hierarquia que não tem surgimento natural, a qual não existe como sendo fato natural, antropológico ou genético, e que é, na verdade, criada pela própria *branquitude*⁷, na qual os de cor clara são enaltecidos e os de cor escura são negligenciados. A racialidade é um conceito constituído pelos brancos, em que os indivíduos negros não escolheram para si uma

⁶ O antropólogo e médico carioca João Baptista de Lacerda foi um dos principais expoentes da tese do embranquecimento entre os brasileiros, tendo participado, em 1911, do Congresso Universal das Raças, em Londres. Esse congresso reuniu intelectuais do mundo todo para debater o tema do racismo e da relação das raças com o progresso das civilizações.

⁷ Estamos compreendendo, nesta investigação, “branquitude” como um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, objetivo, isto é, materiais palpáveis que colaboram para construção social e reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e racismo.

raça que é sinônimo de opressão, mas sim lhes foi dada, como responsabilização pelo preconceito para com eles próprios.

“Esta” raça que me deram não é verdadeiramente minha. Ela nunca foi decisão minha, nunca foi construída por mim e eu nunca a quis enquanto ela somente significou opressão. No entanto, ela é sempre tratada pela branquitude como ‘essa sua raça, de sua responsabilidade’. Frantz Fanon (2008) chama esse processo como desresponsabilização do branco pelo racismo (ou de repartição racial da culpa pelo branco, como ele prefere dominar, para se referir à culpa que o branco impõe ao próprio negro pelo negro ter sido escravizado), ao passo que ele cria, através da linguagem, no *hic-et-nunc* discursivo, o outro e sua raça (e, portanto, sua racialidade) e se constitui como o universal, como o ponto-zero" (NASCIMENTO, 2019, P. 33).

Mesmo não sendo uma hierarquia de ocorrência natural, a exclusão era estabelecida de maneira massiva e os negros eram rotulados como “malditos” e “desalmados”, colocados para fora da condição humana, não sendo considerados no direito a uma vida digna, fadados aos feitos da escravidão, mesmo após o seu fim, a sofrer maus tratos e violência e a serem o espelho de tudo o que ruim existisse. A cor da pele significa, aqui, objetificação do indivíduo, em que, quanto mais escura, mais sofrimento causará.

Podemos dizer que a construção e reprodução de estereótipos discriminatórios resultam de um processo de objetivação, no qual a pessoa, quanto mais sua pele for escura, mais será estigmatizada e mais será desprovida de sua identidade individual, aniquilada pelo estereótipo generalizante associado à cor da pele” (FERÉ, 2018, p. s84).

Assim, “negro” é uma palavra criada para justificar a dominação estabelecida pelos brancos, criada não com a intenção de classificar, mas sim de ferir. “... esse termo foi inventado para significar exclusão, embrutecimento e degradação, ou seja, um limite sempre conjurado e abominado” (MBEMBE, 2018, p. 21). Com a enorme necessidade de mitos com a finalidade de fundamentar e sustentar seu poder, o hemisfério ocidental considerava-se o centro do globo, o lugar essencial da razão e a verdade absoluta da humanidade, enquanto “os outros” eram possuidores de tudo aquilo que não era europeu: coloração da pele, cabelo e jeito de falar. Com isso, a branquitude impõe a divisão de raças, criando a nomeação do negro como tal por não possuírem suas características, justificando sua considerada inferioridade e destino à opressão: “vista em profundidade, a raça é ademais um complexo perverso, gerador

de temores e tormentos, de perturbações do pensamento e de terror, mas sobretudo de infinitos sofrimentos e, eventualmente, de catástrofes” (MBEMBE, 2018, p. 27).

Assim sendo, a branquitude colocou os brancos como centro e sinônimo de poder e os negros como “resto”, seres desprezíveis. Com isso, a criação de “raça” tornou-se um divisor dentro da sociedade, seja no campo da economia, da política ou em qualquer outro. Raça e racismo se disseminaram como forma de poder, de tortura e de opressão, não dando aos negros nenhuma chance de igualdade.

O racismo persiste em existir na pós-modernidade, vindo da colonização direto para os dias atuais, com tempo indeterminado de existência. A sociedade atual vive com base em uma estruturação repleta de heranças da escravidão e do período colonial, as quais se mostram presentes em diversos campos e em muitos acontecimentos no dia a dia em todos os lugares do mundo, adicionando um sofrimento contínuo às feridas já existentes. A visão diante do indivíduo de pele negra permanece sendo distorcida, ridicularizando e incapacitando o negro, tornando-o inferior apenas por “ser”.

Enquanto escravo, o negro representa, pois, uma das figuras perturbadoras da nossa modernidade, da qual ele constitui, de resto, a parte da sombra, de mistério e de escândalo. Pessoa humana cujo nome é humilhado, a capacidade reprodutiva e generativa deturpada, o rosto desfigurado e o trabalho espoliado, ele é testemunho de uma humanidade mutilada, profundamente marcada a ferro pela alienação. (MBEMBE, 2018, p. 76)

Desde a economia até as artes, passando por todos os campos, como política, ensino, literatura, etc., o negro continua sendo colocado como inferior, como alguém que só existe em função do branco e da sua objetificação. A exclusão social feita pela elite aristocrática (advogados, mestres, etc.), por exemplo, é feita até hoje, onde os cargos mais altos das empresas são designados aos brancos, enquanto outros cargos menores, como funcionários, são destinados aos negros. Tal fato se deve à crença racista de que os negros são incapazes de possuir talentos ou de ter bons desempenhos em quaisquer áreas que venham a atuar, enquanto os brancos são eficazes por natureza.

A realidade dos negros, como podemos ver, está diretamente ligada à dos brancos, isso porque, a convivência social se estabelece nas condições da branquitude: “por mais doloroso que possa ser essa constatação, somos obrigados a fazê-la: para o negro, há apenas um destino. E ele é branco” (FANON, 2008, p. 28). Ainda que ao longo da história os negros

tenham alcançado várias conquistas e atingido melhorias, a construção da estrutura da sociedade não mudou, mantendo o cenário em que os brancos vivem tranquilos dentro de seus privilégios garantidos, os quais não podem ser tomados, enquanto os negros permanecem lutando, dia após dia, pelos seus direitos mais básicos, pelo seu lugar dentro dessa sociedade desigual e violenta.

No campo da literatura e da presença de personagens negros, existe a tendência ao tratamento de personagens brancos como heroicos e os negros como personagens ruins, subalternizadas, que aparecem pouco, tendo que ter sua cor especificada no texto, já que é pré-determinado socialmente que a maioria dos personagens nas histórias são brancas. No dia a dia, a cor também é explicitada como se fosse uma necessidade, em um quadro que profissionais de cor branca são apenas tidos como suas funções médicos, advogados, enfermeiros, enquanto os negros não são descritos por suas funções e muito menos por seus talentos, mas sim pela sua cor, como quando alguém diz “aquele homem negro” ou “aquela vendedora preta”, além de outras formas de colocação pejorativa, sua cor tem que vir junto à sua descrição. A forma de conduta relacionada aos negros, como torcedores chamando um jogador de “macaco” ou uma juíza condenando um homem na justificativa da cor da sua pele, revela muito sobre como o país e a sociedade se posicionam em relação ao negro, gerando esse racismo velado e enraizado. Em suma, o racismo estrutural.

Apesar do avanço dos movimentos em prol da negritude, que ocupam cada vez mais o espaço público mundial e brasileiro, a branquitude ainda é tomada, vista e aceita como sendo padrão de “normalidade”. O processo de construção e reconstrução identitária toma o branco como referência a outros grupos, os quais são colocados à margem da sociedade. (FERÉ, 2018, p. 90)

2.3 A LINGUAGEM COMO IDENTIDADE E FERRAMENTA DE PODER E DOMINAÇÃO

A partir do contexto mostrado anteriormente, a importância e força da linguagem dentro da sociedade podem ser entendidas, à medida que é nela que são estabelecidos códigos de convivência social. Através dela são feitas organizações de ordem política, econômica e institucional. Além disso, ela faz parte, também, da identidade cultural de um povo, em que cada um tem seu conjunto de regras, símbolos, gírias e jeitos. Cada povo tem seu domínio próprio sobre a linguagem e sua maneira de usá-la. Além disso, a linguagem é mediadora da

identidade de cada um, a qual é construída através da linguagem, do jogo discursivo e da prática discursiva enquanto prática social.

Cada indivíduo possui sua subjetividade e uma relação bem íntima com a linguagem, o que a torna tão variável, sendo o espaço de expressão de cada um e a porta para a voz das pessoas. Na concepção de Gabriel Nascimento, é preciso compreender que a identidade está completamente mediada pela linguagem (NASCIMENTO, 2019, p. 32). Através dela, são estabelecidas as comunicações de cada um, de acordo com suas próprias variações da linguagem, possibilitando que cada indivíduo se coloque no mundo de acordo com a sua maneira, ideologia e valores, estabelecendo quem ele é a partir dos jogos de linguagem de que participa com outro(s) em sociedade.

No entanto, a linguagem também está submetida a fatores externos a ela. Desde crianças, os indivíduos convivem com a linguagem das pessoas mais próximas que formam seus ciclos de convivência, como, por exemplo, a família, os amigos, os parceiros de trabalho, etc., e, por isso, a linguagem diferenciada de cada ambiente influencia as pessoas de maneiras divergentes. O peso dos valores culturais é carregado no fenômeno ideológico que se consubstancia a partir da linguagem, evidenciando as diferenças e as contradições da sociedade, formando, como mostra Bakhtin (2009), um palco de conflitos.

As línguas não são neutras, conforme é o pensamento de alguns, mas são, na verdade, atravessadas por inúmeros processos de poder. São muitos os métodos de dominação estabelecidos década após década, através de guerras, opressão, violência, física e psicológica, tortura, punições, etc., mas é a linguagem a maior ferramenta de poder e domínio, onde de fato se apresentam todos os conflitos. Através dela, são construídos os estereótipos, os padrões sociais, os padrões de beleza, a ideia de certo e de errado e de inferior e de superior. Nela são constituídos os preconceitos de todas as formas, inclusive os raciais. Sendo assim, é preciso olhar para o fato de que, no contexto em que o racismo está na estrutura das coisas, a língua é uma posição nessa estrutura. Ainda que o racismo seja presente nas condições históricas, políticas e econômicas, é na linguagem que ele se materializa.

Entretanto, ao serem politizadas, as línguas tem cor, gênero, etnia, orientação sexual e classe porque elas funcionam como um lugar de desenhar projetos de poder, dentre os quais o próprio colonialismo fundado a partir de 1492 e a colonialidade que ainda continua entre nós como continuidade dele (NASCIMENTO, 2019, p. 22).

A linguagem está vinculada à ideia de superioridade, a qual se transformou em um mecanismo com um enorme poder de violação atrelado a uma ampla proliferação de maneira errada. Em se tratando da questão racista, a linguagem é extremamente utilizada no estabelecimento de relações de dominação e inferiorização entre as pessoas na sociedade, com a finalidade de ridicularizar os negros e enaltecer os brancos. A linguagem é, como disse Gabriel Nascimento, um multiplicador do racismo enquanto instituição básica e estrutural das nossas sociedades modernas (NASCIMENTO, 2019, p. 47).

2.4 RACISMO LINGUÍSTICO

Ao fazermos análise quanto à população brasileira, observamos que o Brasil é um país de maioria negra (54% da população) e, no entanto, essa é a parcela que mais sofre. Ainda que a existência de pessoas de pele escura seja maior do que a de pessoas de pele clara, o ato do racismo insiste e se perpetua por todos os lugares e áreas possíveis. Nesse contexto de preconceito, a linguagem, mostrada anteriormente como multiplicadora do racismo, é um dos campos que mais carregam as atitudes racistas, repletas de movimentos preconceituosos que atingem as pessoas negras todos os dias.

Em termos de usos, podemos observar que os vocabulários racistas são preconceituosos não só por eles próprios, mas por todo o contexto histórico-simbólico que eles carregam, cruzando com outros discursos anteriores, trazendo o fardo da sociedade escravocrata e a percepção de “pureza”⁸ associada aos brancos. Com isso, quando uma palavra, expressão ou frase é direcionada a uma pessoa de pele negra, carrega consigo toda uma história de dor e sofrimento para aquele indivíduo, trazendo à tona todo o peso do racismo presente no vocabulário utilizado. A língua, como mostra Gabriel Nascimento (2019) no seu livro *Racismo linguístico*, é um lugar de dor para muitos de nós.

⁸ Quanto à ideia de “pureza”, cabe mencionar que as teorias eugenistas do século XIX buscavam justificar, cientificamente, o conceito “biológico” de superioridade racial associada ao “purismo” da raça e a configurações biológicas e anatômicas. Assim, a eugenia passou de popular a científica e foi disseminada por aparatos legais, propiciando métodos eficazes de manipulação, orientação e controle dos considerados *menos capazes* que, não coincidentemente, faziam parte de um estrato da população pertencente às classes trabalhadoras. No caso da população negra, a teoria também foi muito difundida e utilizada.

“Esses enunciados preconceituosos, representantes de um conjunto maior, são impregnados de lembranças, ecos e referências de outras vozes discursivas que, ao atravessarem o enunciado, fazem emergir diferentes efeitos de sentidos” (FERÉ, 2018, p. 86).

O racismo está enraizado na sociedade, de tal maneira que, na maioria das vezes, os usos racistas nem sequer são identificados no nosso dia a dia, já estando frequentemente nos diálogos e interações sociais, além de estarem presentes em piadas e ditos populares. Alguns exemplos da linguagem racista se manifestam através do uso de algumas palavras e expressões que foram arraigadas ao longo dos anos na sociedade brasileira, como as seguintes: *lista negra*, *ovelha negra*, *a coisa tá preta*, *nuvem negra*, *inveja branca/inveja negra*, *fome negra*, etc. Tais expressões são herança do processo de desvalorização do negro diante do branco, em que o negro foi associado a coisas negativas e ao caos, enquanto o branco foi associado a coisas positivas e a atitudes heroicas e benfeitoras. Assim sendo, foi atribuída ao branco, através da linguagem, uma identidade positiva, repleta de qualidades e garantindo direitos e privilégios, enquanto ao negro foi dada uma identidade associada aos “restos”, colocando-o de lado em relação ao protagonismo do branco na sociedade e transformando os negros em “os outros”, o que refletia uma visão marginalizada e de subalternidade.

“[...] no tempo da escravidão os índios eram chamados de *negros da terra*. Em 1755 aboliram a palavra *negro* para indígenas porque proibiram a escravidão de índios. O país, Brasil, que usava como *lista negra*, *dia negro*, *magia negra*, *câmbio negro*, *vala negra*, *mercado negro*, *peste negra*, *buraco negro*, *ovelha negra*, *fome negra*, *humor negro*, *nuvem negra*, *passado negro*, *futuro negro*, não deveria chamar uma criança de *negro*. Quando chama uma criança de *negra*, tudo o que é *negro* é relacionado a coisas negativas. A criança fica em dúvida sobre a própria identidade” (NASCIMENTO, 2019, p. 41).

Os eufemismos são construções de linguagem que têm o intuito de “amenizar” uma característica, um fato negativo e são muito usadas em referência aos negros. O uso deles tem o intuito, ainda que às vezes inconsciente, de negar a legitimidade do negro na sociedade, auxiliando no embranquecimento de sua imagem, como, por exemplo, nessa frase: *nossa, mas você não é negra, você é até clarinha*. Nesse exemplo, o falante/enunciador tem o interesse em dizer para a pessoa que ela não é tão escura assim, que sua pele é mais clara, e por isso, seria mais aceitável aos olhos da sociedade e ela seria mais merecedora de respeito do que

uma pessoa mais escura, o que acontece frequentemente com a população, guiado por um desejo de aproximar as atitudes das pessoas negras às dos brancos, como se elas tivessem que agir como os brancos para se adequarem à sociedade. “Por mais doloroso que possa ser essa constatação, somos obrigados a fazê-la: para o negro, há apenas um destino. E ele é branco” (FANON, 2008, p. 28). Ainda quanto à diminuição da importância da cor do negro, há também usos que tentam esconder o fato de alguém ser negro, como o caso dessa frase: *ela é negra, mas é uma negra bonita, sabe?*. Nesse caso, percebemos que até nos discursos de cunho elogioso, há uma carga de elemento pejorativo.

Ao contrário do embranquecimento, tido como objetivo dos grupos que se consideram ‘a elite brasileira’, também há usos, como “a situação está negra”, por exemplo, que denotam que a qualificação de algo com essa cor torna o ser qualificado como negativo, inferior, associado a aspectos ruins. Outro exemplo disso ocorre quando observamos o termo *denegrir*, que diz respeito ao processo de racialização, em que iniciando-se como *desenegrecer*, tornou-se sinônimo de *caluniar* ou *difamar*, fortalecendo essa ideia de que algo negro pode somente ser ruim, associando o ato de *manchar a reputação* aos negros.

Além disso, uma das provas da continuidade do racismo é que persistimos em disseminar a reprodução, na linguagem e no comportamento, dos estigmas da época da escravidão no ensino e educação, trazendo-os para a sociedade nos dias de hoje e para as próximas gerações, sucessivamente. Isso se dá pois não foi realizado um processo de neutralização da linguagem, a qual é utilizada por todos, inclusive nas instituições de ensino, que são espelhos da sociedade e, dessa forma, continuam disseminando a utilização de termos racistas⁹ como os mencionados anteriormente (*lista negra, fome negra, nuvem negra, etc.*).

No que se refere às escolas, o que percebemos é que há uma certa normalização de práticas racistas, especialmente em ambientes escolares mais elitizados (em que há, por exemplo, a pouca ou nenhuma presença de negros). Na verdade, essa situação reflete a ampla desigualdade da sociedade brasileira, o que reforça a ideia de que a ‘democracia racial’ é apenas uma ilusão.

⁹ É importante destacar que falar de “termos racistas”, por si só, não é suficiente quando se fala em “racismo na linguagem”. Para que se configure o racismo, é necessário que haja condições sociais e pragmáticas para essa interpretação. Trata-se de uma prática discursiva, uma vez que a linguagem, em sua estrutura, em sua imanência é incapaz de refletir racismo.

A partir desse contexto da educação brasileira, defendemos que haja uma mudança no currículo escolar, introduzindo-se novas leituras, mostrando-se novas perspectivas sobre os negros, sobre a história e sobre a historiografia das populações negras no Brasil. Tentaríamos, com isso, neutralizar peso do racismo na linguagem, mudando a relação dos alunos com as práticas discursivas através das quais o racismo se manifesta. Associado a isso, é necessário que esses atos em prol da neutralização sejam também realizados em casa, que é primeiro contato de cada um com a linguagem, para que, assim, possamos carregar usos linguísticos menos racistas, reformulando o pensamento das pessoas desde cedo, dirimindo o preconceito dentro da sociedade.

Com relação ao uso da linguagem/discurso racista, podemos observar sua recorrência também na *internet*, que é o foco desta pesquisa, principalmente nas redes sociais, as quais são percebidas das mais diversas formas, sendo para ações positivas ou negativas, como as ocorrências racistas mencionadas. Nesse meio virtual, cada indivíduo permanece por trás de uma tela individual, a qual apenas a pessoa terá acesso às suas postagens, fazendo com que as se sintam protegidas para ter as mais diversas atitudes e, muitas vezes, mantêm, inclusive, suas identidades anônimas, acreditando não poder ser atingidos e nem ser pegos ou punidos pelos seus atos. Assim, muita gente se aproveita dessa virtude do mundo *online* para expressar suas opiniões, fugindo da realidade e, muitas vezes, agredindo os outros.

Quem vive vidas paralelas na tela está, não obstante, ligado pelos desejos, pela dor e pela mortalidade de suas personalidades físicas. As comunidades virtuais oferecem um contexto novo e impressionante [...] Por outro lado, os críticos sociais, como Mark Slouka, condenam a desumanização das relações sociais que nos trouxeram os computadores, pois a vida *on-line* parece ser uma maneira fácil de fugir da vida real (CASTELLS, 2002, p. 444).

Nesse meio *online* tudo pode acontecer e tudo se torna permitido pela facilidade de propagação do próprio meio, fazendo da internet uma “terra sem lei”. “...a cultura da virtualidade real, onde o faz-de-conta vai se tornando realidade” (CASTELLS, 2002, p. 462). A partir desse uso excessivo e liberal do espaço da internet, surgem diversas questões problemáticas para a sociedade, como ataques, fake News, bullying e, inclusive, o racismo. O fato de as pessoas pensarem que sairão impunes de quaisquer atos *online* que realizarem, como mencionado anteriormente, faz com que muitas delas não tenham empatia e não se preocupem com o outro, colocando explicitamente todos os seus tipos de preconceito. Devido a isso, podemos observar, nas redes sociais, diversos atos racistas em que os indivíduos se

apoiam na linguagem para estabelecer o preconceito e fazer postagens, comentários e piadas racistas, usando os termos os mais agressivos possível direcionados as pessoas negras, espalhando ainda mais o racismo linguístico em todas as plataformas. Assim sendo, ao invés de a internet ser um ambiente pacífico, podendo ter suas qualidades e utilidades usufruídas em sua totalidade e de forma agradável, acaba se tornando um meio perigoso para a saúde mental e para a autoestima de muitas pessoas negras, em especial.

3. METODOLOGIA

Este trabalho visa analisar o racismo na linguagem, suas origens e suas consequências, de modo a tentar entender alguns dos caminhos no campo dos usos da linguagem a partir de uma herança histórica colonial e escravocrata. Pretende analisar, também, o que esse racismo na linguagem significa na vida dos negros, no Brasil, no dia a dia em sua realidade, observando qual o efeito gerado por tais usos racistas e o que carregam consigo devido a isso. Assim sendo, olharemos para a linguagem propriamente e seus lugares de atuação, entendendo como o racismo linguístico é estabelecido especialmente nos meios digitais, que, como mencionamos, conta com a possibilidade da identidade difusa do enunciador do ato de racismo.

Para tal intuito, foi realizada uma pesquisa, através de um formulário, na plataforma *Google Forms*, com cinco perguntas¹⁰, sendo elas 1) Qual sua idade? 2) Com qual cor você se autodeclara? 3) Para você, existe racismo no Brasil? Se sim, fale um pouco sobre o que pensa a respeito. 4) Em caso de afirmativa na anterior, quais palavras ou expressões utilizadas, na sua opinião, mostram a discriminação contra pessoas negras e pardas? 5) Já vivenciou ou experienciou algum caso de racismo linguístico? Conte como foi.

O formulário foi compartilhado através do *twitter*, *facebook*, *whatsapp* e enviado por outras pessoas que se disponibilizaram a ajudar, pelo *whatsapp*. A opção pelo uso do formulário, mantendo o anonimato das pessoas que responderam a ele, teve o intuito de aferir a “percepção de racismo” que existe na sociedade brasileira, especialmente quando

¹⁰ Os informantes dessa pesquisa são pessoas que acessaram o formulário do *Google Forms* através de um link que compartilhamos com o auxílio de amigos e familiares, em *redes sociais* e no *WhatsApp*.

consideramos aquelas práticas racistas naturalizadas, quase imperceptíveis e, por isso mesmo, mais perigosas. Outro objetivo do uso desse instrumento metodológico foi o de conhecer um pouco a realidade dos negros e suas histórias, com o fito de avaliar em quais situações eles são colocados em contexto de subjugo através da linguagem.

Na segunda etapa da investigação, foi feita uma pesquisa nas redes sociais e na internet, em busca de usos racistas explícitos, através de frases postadas, comentários feitos em fotos, xingamentos colocados contra negros, etc. Com isso, foram tirados *prints* de alguns casos encontrados, ficando estes em formato de foto para que pudessem ser analisados nesta investigação como demonstrativo e prova do racismo linguístico, que ocorre todos os dias, em todos os campos e áreas possíveis, em especial a internet.

Na próxima seção, tais materiais serão analisados para serem identificadas quais partes possuem racismo e qual foi o motivo que incentivou cada indivíduo a realizá-lo. É preciso compreender onde e por que o racismo linguístico aparece para que essa situação possa ser mudada.

4. ANÁLISE DE DADOS

4.1 ANÁLISE DOS FORMULÁRIOS

Começando a análise de dados pelo formulário realizado no *Google forms*, fragmentos¹¹ de algumas respostas obtidas serão colocados aqui para a realização do estudo.¹²

Informante 1:

Por familiares que não aceitam a minha cor e quando eu me auto declaro negra, eles rebatem falando que sou “mulata” “moreninha”.

Nesse trecho, a pessoa que respondeu mostra a não aceitação de sua cor, tirando o “negro” dela e atribuindo-lhe outras palavras como eufemismo para a sua pele. Assim sendo, vemos o racismo usado nas expressões “mulata” e “moreninha” com o intuito de seguir o

¹¹ As respostas reunidas nessa pesquisa por meio de formulário se enquadram em diferentes dimensões do racismo, como o ato racista explícito e o racismo velado no discurso.

¹² As respostas foram colhidas dentro de uma totalidade, razão pela qual optamos por analisar algumas delas, desidentificando seus informantes e atribuindo-lhes números.

“branqueamento” proposto pela branquitude, no qual acredita-se que quanto mais clara a cor da pele da pessoa, mais digna ela é.

Informante 2:

Sim. Em estádio de futebol. Xingamento a jogador.

Aqui temos um dos casos mais comuns do racismo linguístico, no qual jogadores de futebol, enquanto jogam a partida, fazendo seu trabalho, são xingados ou vaiados. Mas no caso dos negros é um pouco diferente, quando sua cor é usada como motivação para ofensa, eles são chamados de diversos nomes, como por exemplo, são, muitas vezes, chamados de “macaco”, em clara alusão comparativa à espécie, seja por “semelhança”, seja por inferioridade em uma perspectiva de “animalização”.

Informante 3:

Sim, já ouvi muito de pessoas próximas usarem termos como "ovelha negra"¹³ "mulata" "lista negra".

O negro é tido como negativo dentro da sociedade, com isso, essa visão se estende até a linguagem, onde diversos termos que são usados para denominar algo negativo, são usados junto com as palavras “negro”, “negra”, “preto” e “preta”. Alguns exemplos são os da fala do participante “ovelha negra” e “lista negra”, outros são “nuvem negra”, “inveja branca”, “a coisa tá preta”, “fome negra”, “bandeira branca”, etc.

Informante 4:

"ela é uma negra, mas é uma negra bonita, sabe?"

Muitas vezes as pessoas querem falar sobre as outras, até mesmo para de fato fazer elogios, mas não conseguem se desprender de sua cor e então o que deveria ser elogioso se transforma em um exemplo de racismo. Nesse caso, o falante/enunciador quer amenizar a cor da pessoa, informando que, apesar de ela ser negra, é bonita, como se a cor fosse um empecilho à beleza.

¹³ Em muitas situações, as pessoas que se utilizam de expressões como “ovelha negra” ou “nuvem negra”, por exemplo, não sabem que estão sendo racistas, devido ao fato de o racismo ser mascarado e enraizada na sociedade e conseqüentemente na linguagem.

Informante 5:

Em uma farmácia duas atendentes estavam demorando a atender no balcão e uma senhora que esperava atendimento bateu no balcão e disse: " Vou embora dessa farmácia... não querem trabalhar...só tem preto aqui..."

Nesse caso, podemos retomar a crença de que o branco é tido como herói, como alguém cheio de qualidades e atributos e que pode ser qualquer coisa que quiser, enquanto o negro é tido como incapaz e inferior. Quando é dito que ninguém quer trabalhar porque só tem “preto”, é afirmado pela pessoa que os negros não servem para trabalhar, que são imprestáveis.

Informante 6:

Já presenciei uma discussão entre duas moradoras do prédio onde morava (Zona Sul do RJ), onde uma delas ofendeu a outra (que é negra) dizendo "negrinha coloque-se no seu lugar".

Nessa situação, podemos ver a divisão entre os direitos dos negros e brancos, na qual os brancos possuem direito a posições maiores, a melhores tratamentos e a reconhecimento, enquanto os negros não são dignos de nada disso e nem mesmo de uma identidade própria. Por isso, nesse exemplo, a frase dita por uma das moradoras “negrinha coloque-se no seu lugar” mostra essa imposição do branco, ordenando que a negra assuma a real posição a ela designada, por conta de sua cor, a de inferior e submissa, sem voz. Em suma, de subalternidade e subjugo.

Informante 7:

Quando mais nova, era identificada na escola como “cabelo de assolan”.

Os negros são descritos por diversos adjetivos ou expressões pejorativas e, em muitos casos, são feitas referência a eles por meio da textura do seu cabelo, em que pessoas com o cabelo muito crespo recebem “apelidos” extremamente racistas, como é o caso do “cabelo de assolan”. Essa expressão é ofensiva aos negros pois implica que seus cabelos são considerados “ruins” e duros como uma palha de aço, aumentando sua inferiorização.

Informante 8:

Sim. Quando escuto por exemplo: inveja branca ou denegrir no sentido de difamar.

A imagem de um negro é associada naturalmente, devido à herança social, a características ruins, a coisas mal feitas. Com isso, o que se observa nesse exemplo é essa questão demonstrada dentro da linguagem, em que, ao invés de dizer que a imagem de alguém será destruída ou difamada, usa-se o termo “denegrir”, ou seja, tornar negro, querendo dizer que, tornando-se mais escuro, ficará ruim.

Informante 9:

Sim. Já fui chamado de branco azedo.

Muitos brancos usam o argumento da existência do “racismo reverso”¹⁴, o que não existe de fato, pois continua existindo uma desigualdade na qual o branco não é quem sofre. Ainda que possa ser alegado, sim, um preconceito, quando o branco é chamado de termos como a do exemplo, ele não perde seus privilégios e nem deixa de poder entrar em algum lugar porque será pré-julgado como marginal, enquanto o negro é reprimido simplesmente pela sua cor de pele.

4.2 ANÁLISE DAS REDES SOCIAIS

Nesta etapa da análise, serão anexadas imagens de *prints* de redes sociais contendo conteúdos de racismo linguístico.¹⁵

Caso 1:

¹⁴ “Racismo reverso” é o termo usado para designar supostos casos de preconceito contra brancos.

¹⁵ Os *prints* foram retirados na íntegra como estavam disponíveis nas redes sociais.



Print tirado de uma publicação feita no Facebook em 2017.¹⁶

Nessa publicação, a apresentadora do Jornal Nacional, Maria Júlia Coutinho, foi vítima de diversos comentários racistas. Nos comentários acima, “não bebo café pra não ter intimidade com preto”, o racismo está presente no ato de não querer nada que seja preto, para que dessa forma não seja automaticamente realizada uma aproximação com os negros devido à cor, demonstrando o desejo do afastamento. Em “Só consegui emprego no JN por causa das cotas, preta imunda”, podem-se observar dois atos racistas comumente praticados em um só comentário: o primeiro é o fato de os negros serem associados à incapacidade, por isso, dizendo que a Maju só poderia ter alcançado tal posição através das cotas, ou seja, com ajuda; o segundo está no fato de muitas pessoas associarem os negros à sujeira, como observado no comentário acima “preta imunda”.

Através dessa postagem, pode-se ver que o racismo está presente em todas as áreas e campos de atuação, independentemente de ser um indivíduo socialmente desconhecido ou algum famoso, os negros estão sempre no alvo dos comentários maldosos e de situações desconfortáveis e dolorosas.

Caso 2:

¹⁶ <https://www.hojeemdia.com.br/primeiro-plano/brasil/coment%C3%A1rios-racistas-contra-maju-do-jn-causam-revolta-nas-redes-sociais-1.313405> . Acesso em 26 de maio de 2021



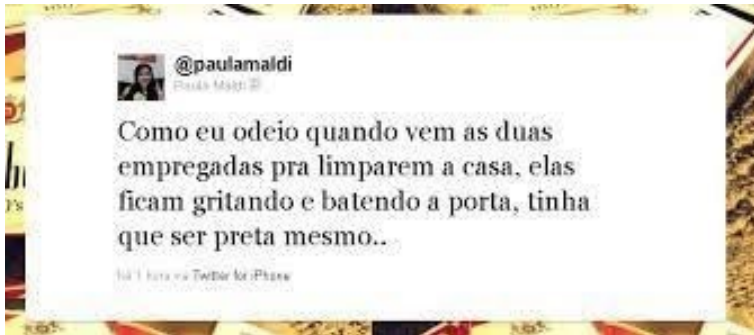
Print tirado da publicação de uma usuária do Instagram que recebeu comentários racistas.¹⁷

Esse *print* traz algo muito comum nas redes sociais há bastante tempo, que são os comentários maldosos, cruéis, racistas nas fotos das pessoas, independentemente de serem conhecidas ou não. No caso acima, muitas palavras são utilizadas para descrever a negra que aparece nas fotos em seu próprio *Instagram*, como “macaca”, “fedorenta”, “sebosa”, “nojenta”, “miserável” e “desgraça”, até mesmo dizendo para que ela morresse, as quais fazem referências a várias questões racistas, como a associação dos negros ao macaco; a ideia de que negros fedem e são sujos; a ideia de se tratar de uma pessoa metida por postar fotos bonitas no *Instagram*, chancelando a crença de que apenas os brancos podem se gabar ou mostrar uma vida boa, enquanto os negros são fadados ao desprezo devido a sua cor.

Esse *print* mostra, através do uso de diversas palavras, toda uma existência do racismo que se baseia em diferentes aspectos herdados socialmente. Essa presença do racismo é tão fortemente enraizada que se apresenta sob diversas facetas, sendo principalmente visto, em larga escala, na linguagem, nas redes sociais e na internet.

¹⁷ https://correiodn2.cworks.cloud/fileadmin/user_upload/correio24horas/2017/10/14/14102017MS0835.jpg. Acesso em 26 de maio de 2021

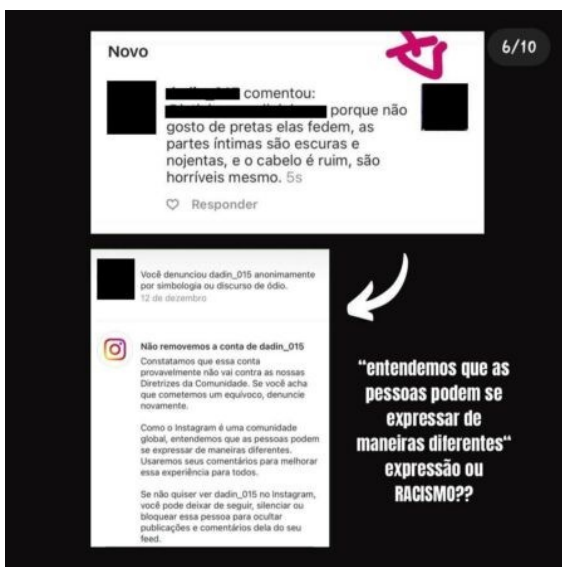
Caso 3:



Print tirado de uma publicação do Twitter.¹⁸

Nesse *tweet* faz-se uma reclamação sobre o fato de duas empregadas domésticas gritarem muito e baterem a porta, no entanto, associa-se tal fato à cor de suas peles, associando-se, visivelmente, a cor da pele à desordem, à bagunça e ao caos.

Caso 4:



Print tirado por uma usuária do Instagram de um ocorrido com ela, em 2020.¹⁹

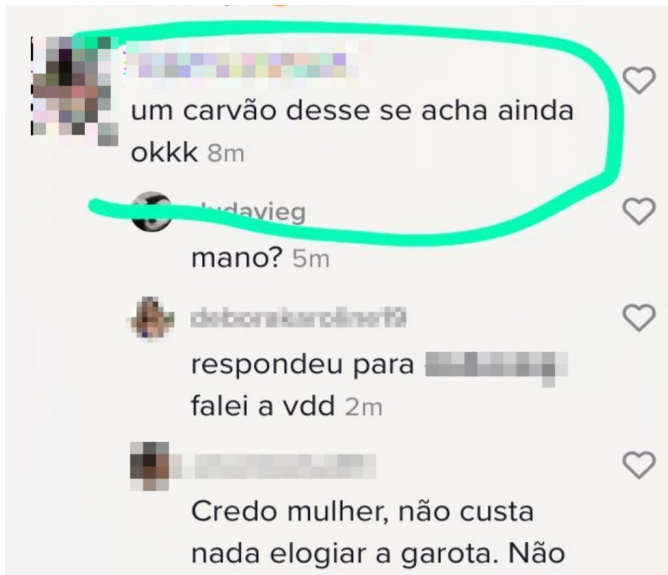
Percebemos o comentário racista, associando a pele negra à noção de sujeira e “impureza”. É interessante observar que, quando o usuário tenta fazer denúncia do ato de racismo ao *Instagram*, a situação se torna ainda mais desconfortável, a partir do momento em

¹⁸ <http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2017/1-6.pdf>. Acesso em 26 de maio de 2021

¹⁹ <https://catracalivre.com.br/cidadania/influencer-negra-pede-opcao-racismo-nas-denuncias-do-instagram/>. Acesso em 26 de maio de 2021

que a plataforma reage dizendo que pode ser apenas uma questão de as pessoas se expressarem de modo diferente e não de um ato racista, contribuindo ainda para a “vitória” da branquitude.

Caso 5:



Print tirado da área de comentários de uma publicação no *Instagram*.²⁰

Na frase “um carvão desse se acha ainda”, o racismo está presente quando se observa que possuir beleza não está associado aos negros e sim aos brancos, como se todos os negros fossem feios e os brancos bonitos. Assim sendo, foi utilizado o termo “carvão” para menosprezar a cor da pele muito escura da menina que postou a foto e dizer que “se acha” para alfinetar a autoestima dela, já que o dono do comentário a considera feia devido a sua cor.

Caso 6:

²⁰ [https://s2.glbimg.com/SuZ7Y-1dBA1A7NocIA1dsttYEgQ=/0x0:1185x1065/984x0/smart/filters:strip_icc\(\)/i.s3.glbimg.com/v1/AUTH_59edd422c0c84a879bd37670ae4f538a/internal_photos/bs/2021/W/E/mOGH8RTIqtIld6tCFEYg/whatsapp-image-2021-01-12-at-16-3-.jpg](https://s2.glbimg.com/SuZ7Y-1dBA1A7NocIA1dsttYEgQ=/0x0:1185x1065/984x0/smart/filters:strip_icc()/i.s3.glbimg.com/v1/AUTH_59edd422c0c84a879bd37670ae4f538a/internal_photos/bs/2021/W/E/mOGH8RTIqtIld6tCFEYg/whatsapp-image-2021-01-12-at-16-3-.jpg) Acesso em 26 de maio de 2021.



Print tirado de um tweet feito na rede social Twitter, com a resposta em seguida.²¹

Nessa resposta dada à cantora Ludmila, o usuário Abl diz que ela merece “umas belas xicotadas” (a grafia correta é “chicotadas”, foi escrito com “x” por estar exatamente como foi postada na rede), fazendo alusão à escravidão e insinuando que os negros foram feitos para serem escravizados e torturados. Além disso, foi utilizado o diminutivo na palavra “neguinha” com o intuito de desprezar e diminuir Ludmila.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo o estudo aqui realizado, esta pesquisa acadêmica teve a finalidade de atuar na compreensão do racismo linguístico, perpassando suas origens, algumas de suas causas e algumas consequências, para, assim, entender o funcionamento de tal processo dentro da linguagem na sociedade brasileira. Além disso, possuiu também o intuito de mostrar e comprovar a frequência da ocorrência de racismo em diversos campos do dia a dia, colocando claramente a necessidade de uma ruptura social com esse comportamento.

Observamos que, ainda que a luta contra o racismo, crime que viola os direitos das pessoas negras, seja constante, o preconceito racial ainda se encontra extremamente enraizado na sociedade em diversas áreas, estabelecendo-se através das pessoas por meio de posicionamentos, atos, falas, etc. Ainda que muitas pessoas discutam sobre haver racismo ou não no Brasil e sobre sermos um país em que há democracia racial, é incontestável que os traços racistas herdados da colonização e da escravidão permanecem disseminados nas

²¹ <https://www.hypeness.com.br/2020/06/ludmilla-e-vitima-de-racismo-mais-uma-vez-e-criminoso-sugere-chicotadas/>. Acesso em 26 de maio de 2021.

práticas sociais e nas relações interpessoais na sociedade brasileira, como pudemos observar no recorte da investigação realizada.

É necessário que haja uma mudança na estrutura social, visto que esta é a base para a construção de todos os valores de uma sociedade e, conseqüentemente, de cada um de seus indivíduos. Assim sendo, é preciso que seja realizada uma mudança de perspectiva em alguns pontos, gerando mudanças em todos os âmbitos e uma educação mais ampliada, espelhando, dessa forma, no ensino nas escolas. É necessária, também, uma mudança na forma como se estabelecem as relações sociais no dia a dia, trazendo uma maior reflexão crítica dos mecanismos propulsores do racismo, fruto de uma sociedade tão desigual. Percebemos, a partir das análises feitas, o quão essa desigualdade é responsável por construir sujeitos com uma subjetividade, que emana um tom de superioridade, o que, na sociedade brasileira, tem ressonância a partir de corpos brancos.

É fundamental, então, que a luta negra ganhe mais voz, que possamos ouvir suas dores e cada uma de suas histórias, visto que por muito tempo essas vozes foram silenciadas. É necessário que seja realizada a inclusão social dos negros nas escolas, nas instituições de prestígio para que, paulatinamente, possamos enxergar as práticas racistas menos frequentes.

Há, então, uma enorme necessidade de ressignificar, na sociedade brasileira, a relação com a cor e, na linguagem, que haja o uso de construções discursivas que possam dignificar os sujeitos negros, alvo, historicamente, de racismo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural. São Paulo: Pólen livros, 2019. p. 9-37.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 43-50 e p. 413-462.

FANON, Frantz. Pele negra máscaras brancas. Rio de Janeiro: EDUFBA, 2008. p. 7-40.

FÉRE, Liz. O poder das palavras: relações de alteridade no seio do povo brasileiro, entre branquitude e negritude. Revista digital do programa de pós-graduação em Letras da PUCRS. Porto Alegre. V. 11, n. esp. (supl. 1), p. s83-s99, setembro, 2018.

FERREIRA, Maria Teresa. O que é racismo estrutural? - Brasil de Direitos, 26 de ago. de 2019. Disponível em: <https://www.brasildedireitos.org.br/noticias/488-o-que-racismo-estrutural?utm_source=google&utm_medium=ads&utm_campaign=search&gclid=CjwKCAjw47eFBhA9EiwAy8kzNND77NqihdFw1PZ8GDTVSLcaNu5Ss_qT449jIoi0P1yuYXnNy8kNZBoCnJUQAvD_BwE>. Acesso em fevereiro de 2021.

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala, 50ª edição. Global Editora. 2005.

GOMES, Irany. BANDEIRA, Dayvison. MATTA, Claudio H da. GONÇALVES, Edair. CONEAB. Racismo linguístico - reinvenção. Revista de estudos linguísticos, literários, culturais e da contemporaneidade. Pernambuco. Número especial 18b, com artigos, resumos e comunicações do CONEAB-2015, p. 214-223, março, 2016.

KILOMBA, Grada. “The Mask”. In: Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism. Münster: Unrast Verlag. 2. Auflage, 2010

LEITE, Marli. Preconceito e intolerância na linguagem. São Paulo: Editoracontexto, 2º edição, 2012.

LUCCHESI, Dante. Racismo linguístico ou ensino democrático e pluralista? Bahia. UFBA/CNPq, p. 1-20.

MBEMBE, Achille. A crítica da razão negra. 3º edição, n-1 edições, 2019. P. 11-171.

NASCIMENTO, Gabriel. Racismo Linguístico. Belo Horizonte: Letramento, 2019. P. 7-123.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 7.716. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm>. Acesso em fevereiro de 2021.

TJDFT – Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. Lei nº 2.848. Disponível em: <<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/injuria-racial>>. Acesso em fevereiro de 2021.